

Metafísica, lógica e outras coisas mais

© NAU Editora
Rua Nova, Jerusalém, 320
CEP: 21042-235 Rio de Janeiro RJ
FONE [55 21] 3546 2838
contato@naueditora.com.br
www.naueditora.com.br

Editoras: *Angela Moss e Simone Rodrigues*

Revisão: *Miro Figueiredo*

Diagramação: *Mariana Lloyd*

Capa: *Marcos Martins, foto de Marco Giannotti*

Revisão técnica e composição das fórmulas em *LaTeX*: *Alessandro Bandeira Duarte*

Conselho editorial: *Alessandro Bandeira Duarte, Cláudia Saldanha, Cristiana Monteiro de Castro Pereira, Francisco Portugal, Maria Cristina Louro Barbara, Pedro Hussak, Vladimir Menezes Vieira*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M551

Metafísica, lógica e outras coisas mais / editores Lia Levy, Luiz Carlos Pereira, Marco Zingano. - Rio de Janeiro : Nau, 2012.
328p. : il.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-8128-000-4

1. Santos, Luiz Henrique Lopes dos. 2. Metafísica. 2. Lógica. I. Levy, Lia, 1963-. II. Pereira, Luiz Carlos. III. Zingano, Marco, 1960-.

12-2026.

CDD: 110

CDU: 11

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) sem permissão escrita da Editora.

1ª edição: 2012 - Tiragem: 1000 exemplares

Organizadores Lia Levy
Luiz Carlos Pereira
Marco Zingano

NAU
EDITORA

Dic cur hic? Ou o que significa estar aqui

Pequenas alterações de rotina no momento de dormir, uma posição corporal diferente, bastam entretanto para romper essa ordem temporal e espacial. Ao despertar, esse mesmo homem “já não saberá da hora, e estimará que acabara de deitar-se”. E caso o sono o surpreenda em situação ainda mais “deslocada e divergente” da habitual, “por exemplo, sentado numa poltrona depois do jantar, dar-se-á então uma completa reviravolta nos mundos desorbitados [...], e, no momento de abrir as pálpebras, pensará que está deitado alguns meses antes, numa terra diferente”. O narrador continua:

Quanto a mim, no entanto, bastava que, estando a dormir em meu próprio leito, meu sono fosse profundo e relaxasse inteiramente meu espírito, o qual deixava então para trás a planta do local onde eu adormecera; assim, quando acordava no meio da noite, e como ignorasse onde me achava, no primeiro instante nem mesmo sabia quem eu era; tinha apenas, na sua simplicidade primitiva, o sentimento da existência, tal como pode fremir no fundo de um animal; estava mais desprovido que o homem das cavernas; mas então a lembrança, não ainda do lugar em que me achava, mas de alguns outros que havia habitado e onde poderia estar, vinha a mim como um socorro do alto para me tirar do nada de onde não poderia sair sozinho; passava num segundo por sobre séculos de civilização, e a imagem confusamente entrevista de lâmpões de querosene, depois de camisas de gola virada, recompunham pouco a pouco os traços originais de meu próprio eu.²

Dormir e acordar representam, segundo esta narrativa, muito mais do que um processo de separação e reconexão com o mundo exterior, como tínhamos já, por exemplo, em Heráclito, para quem dormir era bloquear os sentidos e desligar-se do *logos* que permeava o mundo;

² Proust, *op. cit.*.

Dic cur hic? Ou o que significa estar aqui

Déborah Danowski
PUC-Rio/CNPq

Ao longo das primeiras páginas de *À la recherche du temps perdu*, Marcel Proust nos apresenta uma série de variações em torno da experiência do dormir e do despertar. “Um homem que dorme”, diz ele, “mantém num círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consulta-os instintivamente e nelés lê num segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até seu despertar”.¹

¹ Marcel Proust, *À la Recherche du Temps Perdu. Du côté de chez Swann* (Proust, 1954: 5-6). Tradução para o português de Mario Quintana (Proust, 1981: 12-13), com algumas alterações minhas.

representam uma espécie de viagem de ida e volta, em que deixamos o lugar onde nos encontramos e a ele retornamos, mais ou menos lentamente. O espírito “relaxa”, se desconcentra e *largar*, deixa para trás aqueles parâmetros que fixavam sua própria história e individualidade. A consciência de quem somos, estreitamente ligada ao sentido da posição de nosso corpo (e também de sua *disposição*: a maneira como nossos membros estão esticados, dobrados, como tocam uns nos outros) e do lugar que ocupamos, sofre todo tipo de reconfiguração durante esse movimento, podendo ela própria, por sua vez, reconfigurar em maior ou menor grau esse sentido. Assim, dependendo da posição e situação (reais ou imaginárias) que ocupamos, seremos já exatamente esta pessoa que somos agora, acordando de um sono longo ou curto, ou, por alguns instantes, a pessoa que éramos há alguns anos, dormindo no quarto de uma amante, ou ainda a criança que fomos há muito tempo, em um quarto e uma cidade completamente diferentes.

Mas não apenas isso: a perda do sentido do espaço e do tempo, a incapacidade de reconhecer nossa situação e a ordem do mundo (dos mundos) à nossa volta podem mesmo nos fazer regredir, como que filogeneticamente, a um estado muito anterior ao da civilização e da razão, a um sentimento do mero *fremir* da existência a nos separar do puro nada. E, se ali não ficamos, é graças à memória, do corpo antes que do pensamento (“a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas”),³ que vem agora em nosso socorro, arrastando-nos em alguns segundos pelo longo caminho de volta: da indistinção da pura existência à existência humana, e, dentro desta, passando rapidamente por séculos e séculos de civilização, até os lampiões de que-rosene, as camisas de gola virada, os lugares onde estivemos ou onde poderíamos estar, até chegar ao nosso quarto e nosso eu, aqui e agora, tudo finalmente imobilizado pelo “bom anjo da certeza”.⁴

3 *Ibid.*: 13.

4 *Ibid.*: 15.

Se Leibniz pudesse ter lido e reescrito essas páginas de Proust, imagino que teria alterado pouca coisa. Dormir, diria, é esquecer-se de si mesmo, esquecer-se do lugar onde se está, de por que e como viemos parar em nossa situação presente. *Dic cur hic?* – é a fórmula várias vezes repetida por ele (e, em pelo menos uma ocasião, complementada pela expressão *sich besinnen*)⁵ para se referir, entre outras coisas, ao que significa o acordar, seja de um sono profundo, seja de um desmaio ou outro estado de atordoamento qualquer. Acordar é lembrar de quem somos; e aquilo que somos é determinado, antes de mais nada, pelo *situs*, pela situação espaciotemporal de nosso corpo expresso na alma.

Assim como todas as substâncias simples que compartilham conosco da existência real, é todo o universo que nós espelhamos em nossa alma, graças ao caráter expressivo das percepções, e graças à harmonia preestabelecida, pela qual Deus decretou que aquilo que essas percepções expressam fosse exatamente, completamente e infinitamente aquilo que as percepções de todas as outras substâncias simples também expressam. Como em todas as outras substâncias simples, entretanto, a maior parte disso que é ali expresso o é sob a forma de um *fremir* de pequenas percepções confusas e obscuras. Quando dormimos, quando abandonamos a *planta* do lugar que nos pertence e nos distingue, a planta do nosso quarto, é nessa natureza comum que acabamos recaindo. Ao contrário, o que faz a *nostra* natureza, o *nosso* quarto, é aquilo que iluminamos, nossas percepções claras e distintas, ou melhor, aquela proporção só nossa entre o distinto e o confuso.⁶ Toda substância simples envolve o universo

5 “Fragmento sobre os sonhos”. In Loemker: 114: “O sono difere da vigília pelo fato de que, quando estamos acordados, tudo se dirige, ao menos implicitamente, para um fim último. Mas no sonho não há relação à totalidade das coisas. Por isso, acordar não é senão lembrar-se [*recolligere*] de si mesmo, e pensar assim: *Dic cur hic? Sich besinnen.*”

6 Gilles Deleuze, em aula de 15 de abril de 1980, fala da “pequena porção” ou “pequena zona” de expressão clara e distinta de cada mônada, e a com-

por suas percepções confusas ou sentimentos, e a série dessas percepções é regulada pela natureza particular dessa substância".⁷ Que a natureza particular dos espíritos (entre os quais estamos nós, os humanos) seja mais perfeita que a dos animais irracionais significa que nosso quarto é mais amplo que o deles, que por sua vez é mais amplo que o das meras enteléquias que formam os corpos inanimados. Significa também que temos a capacidade de ampliá-lo ainda mais, à proporção que nos aperfeiçoamos, sempre de acordo com a regra e os limites determinados pela nossa natureza.

Mas nesse quarto de Leibniz tudo se move, mesmo quando já sabemos onde estamos, quando os *mundos desorbitados* retornaram à sua órbita. Leibniz define a percepção como um estado passageiro, "o estado passageiro que envolve e representa uma multiplicidade na unidade, ou na substância simples".⁸ A passagem se faz de percepção a percepção, ou de percepções a percepções, e é impulsionada por uma infinidade de apetições de todos os tipos, de modo que nossa natureza desconhece o repouso tanto quanto a natureza dos corpos.⁹ A vida

para as "pequenas zonas" dos personagens de Beckett: "Por mais frágeis que vocês sejam, por mais insignificantes que sejamos, nós temos as nossas coisas [notre *petit truc*], mesmo o simples verme tem seu pequeno mundo: ele não exprime grande coisa de maneira clara e distinta, mas tem sua pequena porção. Os personagens de Beckett são indivíduos: tudo é confuso, rumores, eles não entendem nada, são loucos [loques], há o grande rumor do mundo. Por mais lamentáveis que sejam em suas lixeiras, eles têm uma pequena zona só deles. É o que o grande Molloy chama 'minhas propriedades'".

7 Leibniz, *Ensaíos de Teodícea* § 403.

8 *Ibid.*, *Monadologia*, 14.

9 *Ibid.*, *Nouveaux Essais*, II.I.9: 88: "um estado sem pensamento na alma e um repouso absoluto no corpo me parecem igualmente contrários à natureza, e sem exemplos no mundo". Leibniz define o repouso como um movimento evanescente, assim como a igualdade é uma desigualdade evanescente. Ver, por exemplo, *Teodícea* § 348: "Em virtude dessa lei [do contínuo], devemos poder considerar o repouso como um movimento evanescente após ter sido continuamente diminuído; e assim também a igualdade como uma igualdade evanescente, como aconteceria pela diminuição

espiritual é um pouco (mas só um pouco) como aquelas figuras impalpáveis e transparentes projetadas pela lanterna mágica sobre as paredes do quarto de dormir, que Proust descreve de maneira tão melancólica, a saga sem fim de Golo sobre seu cavalo em busca da pobre Geneveva de Brabante destruindo toda a familiaridade do quarto ao tingir os objetos habituais com as cores de uma estranheza sobrenatural.¹⁰

Leibniz também se lembra da lanterna mágica, quando descreve o mecanismo do devaneio e dos pensamentos involuntários (*fliegende Gedanken*), em que "imagens [...] nos vêm, como nos sonhos, sem serem chamadas".¹¹ A grande diferença em relação à cena descrita por Proust é que para Leibniz, aqui como em todos os casos, é sempre nossa natureza que liga as imagens, é ela que contém a razão da passagem de umas às outras. Entretanto, como há muito mais razões em nossa alma do que está em nosso alcance reconhecer, por vezes pode acontecer de, seguindo "o fio de certos pensamentos por simples prazer, sem outro objetivo", perdermos de vista sua relação com o todo, aproximando-nos perigosamente da loucura: "a pessoa esquece de si mesma, esquece-se do *dicur hic*, aproxima-se dos sonhos e das quimeras, constrói castelos de areia".¹²

Responder à pergunta *dicur hic?* é justamente ser capaz de dizer: Pare, alto lá!¹³ E, por um breve instante, como que imobilizar o fluxo das imagens, tomar nas mãos as rédeas do cavalo de Golo. Apenas os espíritos têm essa capacidade, porque são os únicos dotados de apercepção e da faculdade de reflexão. Qualquer ação se faz impulsionada por motivos de toda sorte, que inclinam sem necessitar, mas apenas a ação que, entre seus motivos, envolve a reflexão

continua do maior dentre dois corpos desiguais, enquanto o menor deles mantém seu tamanho."

10 Proust, *op. cit.*: 16-17.

11 *Nouveaux Essais*, II.XXI.12: 139.

12 *Nouveaux Essais*, II.XIX.1: 127.

13 *Nouveaux Essais*, II.XXI.12: 139.

pode ser dita livre, e mesmo assim essa liberdade é sempre função da proporção entre as reflexões conscientes e as paixões, emoções e outras pequenas ou grandes apetições sobre as quais não exercemos qualquer controle consciente. Os exemplos do devaneio e da lanterna mágica, com seus pensamentos e imagens que não conseguimos fazer parar, apenas exacerbam nossa maior servidão relativa frente aos acontecimentos. Pois, na verdade, nossas ações jamais podem se fazer como consequência de uma consciência plena. Há sempre outras razões para serem levadas em conta, infinitamente; e, em última análise, sabemos que a razão suficiente de qualquer ato de escolha envolve o mundo inteiro, esse mesmo mundo que Deus colocou em nós ao nos harmonizar com todos os outros viventes. De modo que, se fôssemos esperar estar de posse de todas elas e da totalidade da verdade em jogo em cada ocasião precisa, escapariamos, é certo, do galope de Golo sobre seu cavalo, mas permaneceríamos para sempre parados, em situação inversa à do asno de Buridan, não como presas indiferentes de uma suposta simetria perfeita do universo,¹⁴ mas por uma espécie de *embarras de richesse*.

Sem a parte de servidão relativa, de posse das rédeas mas sem nenhum cavalo para domar, o que seríamos, que destino nos seria reservado? Novamente estaríamos abandonando a planta do nosso quarto, nosso *cur bic*. Desta vez não para nos animalizar, para regressar a estados mais primitivos da vida anímica, mas para progredir indefinidamente. É o que costuma ocorrer nos momentos antípodos ao do despertar, nas horas de insônia, em que, para passar o tempo, cismamos em séries autorreflexivas, constituídas de reflexões sobre reflexões sobre reflexões... Nessas horas, exercitando essa mesma capacidade que nos distingue e eleva acima dos animais irracionais, a apercepção, mas sem nenhuma nova percepção para frear o *nesso* próprio galope ou para mudar sua direção, acabamos por nos elevar cada

¹⁴ Ver Danowski, 2001.

vez mais acima de nós mesmos. O perigo, diz Leibniz, é não conseguirmos mais voltar, e ficarmos condenados a repetir obsessivamente a mesma percepção, em múltiplos cada vez mais vazios.

Dá a importância da pergunta *dic cur bic?*, que, vamos percebendo, tem ao menos três sentidos para Leibniz. O primeiro é definir a planta do nosso quarto, a perspectiva única que nos determina como aqueles que somos. Procure se lembrar do que você está fazendo aqui, como veio parar aqui, por que está fazendo o que está fazendo, qual a razão suficiente que define as suas escolhas, os seus acontecimentos, e mais nenhum outro. O segundo é operar a transcendência humana, nos resgatar da pura animalidade ou mesmo da pura existência em que, volta e meia, todos os dias, recaímos, e que está ali, no fundo de nossa alma. Voltar ao nosso quarto humano todas as vezes em que o abandonamos temporariamente por esquecimento ou atordoamento. Mas o terceiro é, ao contrário, nos resgatar da *pura* transcendência, quando esta significa mais uma vez deixar para trás a planta do nosso quarto, agora por excesso de memória e por hipertrofia de nosso dom reflexivo¹⁵. Pois refle-

¹⁵ Isabelle Stengers, em seu texto "Introductory notes on an ecology of practices", aponta para o que poderíamos aproximar de um aspecto ético deste terceiro sentido do "*dic cur bic*": "Leibniz escreveu que o único conselho moral geral que podia dar era este: '*Dic cur bic*': Diga por que você escolheu dizer isto, ou fazer isto, nesta ocasião precisa. Tal conselho não implica que você tenha o poder de definir seja a situação sejam as suas razões. Toda a filosofia de Leibniz nega que você possa ter esse poder, já que a sua escolha não pode ser separada da escolha divina deste mundo. A questão da responsabilidade é assim divorciada da definição da verdade [...]. Quando estiver prestes a agir, não se apoie em nenhuma razão geral que lhe daria o direito de agir. [...] sua responsabilidade é prestar a maior atenção possível, produzir a melhor discriminação que puder, sobre a situação particular. Isto quer dizer decidir neste caso particular, e não obedecer ao poder de razões mais gerais" (2005: 4-5). Entretanto, Stengers deixa de fora do imperativo do *dic cur bic*, ou ao menos não o menciona, o movimento de separação ou resgate em relação ao puro existente ou mesmo ao puro animal, ou seja, aquele segundo sentido, que, como vimos, está inegavelmente presente em Leibniz.

tir indefinidamente sobre nossas próprias reflexões não nos esclarece em nada sobre quem realmente somos, nem sobre que decisão devemos tomar diante de uma alternativa concreta. Não somos “ninguém” se não somos aqueles que estão aqui e agora, atentos à passagem incessante das percepções. A pura transcendência implicaria o descolamento do mundo, a abstração suprema, e a loucura.

Referências bibliográficas:

- Danowski, Déborah. “Indiferença, simetria e perfeição segundo Leibniz”. *Kriterion*, XLII (104): 49-71, 2001.
- Deleuze, Gilles. Aula de 15 de abril de 1980, disponível em formato .pdf na página <www.webdeleuze.com/php/sommaire.html>
- Leibniz, G. W. *Essais de Théodicée*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.
- . *Principes de la Nature et de la Grâce Fondés en Raison / Principes de la Philosophie ou Monadologie* (ed. A. Robinet). Paris: PUF, 1986.
- . *Philosophical Papers and Letters* (ed. Loemker). Dordrecht / Boston / Londres: Kluwer, 1989.
- . *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*. Paris: Garnier-Flammarion, 1990.
- Proust, Marcel. *À la Recherche du Temps Perdu. Vol. I, Du Côté de chez Swann*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1954.
- . *Em Busca do Tempo Perdido. Vol. 1, No Caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.
- Stengers, Isabelle. “Introductory notes on an ecology of practices”. *Cultural Studies Review*, 11 (1): 183-196, 2005 (a citação foi extraída de uma versão preliminar, de junho de 2005, disponível em: <<http://www.imbrogllo.be/site/spip.php?article43>>).

Observações preliminares acerca da raiz da contingência em Leibniz¹

Edgar Marques
UERJ/CNPq/PRONEX

A concepção leibniziana da verdade tem como ponto de partida o truismo de que, ao atribuímos uma propriedade a um sujeito, essa afirmação apenas pode ser verdadeira quando a propriedade em questão efetivamente subsiste no sujeito ao qual ela é

¹ O presente artigo consiste tão somente em um conjunto de observações acerca do problema da contingência em Leibniz. Ele tem, dessa maneira, por propósito apenas rastrear algumas das dificuldades relacionadas a essa questão sem, contudo, apresentar uma proposta interpretativa de solução. Trata-se, assim, mais propriamente, de um feixe de lembretes a serem levados em conta quando de uma ulterior formulação de uma interpretação satisfatória desse problema em Leibniz.